

A relação dos jovens com os *media*: Um estudo com alunos do 9º ano do ensino básico do Distrito de Castelo Branco¹

Guilhermina Lobato Miranda² e Sónia Silva
gmiranda@ie.ul.pt

Resumo

A literacia da informação e a educação para os *media* são conceitos recentes. As pessoas que pertencem à sociedade da informação precisam de ser letradas, de saber trabalhar com as tecnologias, de decodificar e analisar a informação multimédia que lhes é veiculado por vários meios (livros, televisão, internet, jornais...) e ainda de produzir informação, alguma dela multimédia.

Neste capítulo, após uma breve revisão dos conceitos de literacia da informação e educação para os *media*, relatamos os resultados de um estudo exploratório junto de jovens do 9º ano do ensino básico de duas escolas que integraram o projecto “Educação para os Média no Distrito de Castelo Branco”.

Os instrumentos de recolha de dados foram o questionário e a entrevista *focus group*.

Os principais resultados apontam para que a maioria dos jovens usa preferencialmente o telemóvel e a Internet para comunicar, se relacionar e procurar informação, que os assuntos que mais lhes interessam são a música, as tecnologias e o desporto e acham mais credível a informação que é transmitida via televisão do que via Internet ou jornais.

Palavras-chave: Educação para os Media, Literacia Informacional, Sociedade da Informação

¹ Este capítulo tem como fonte dos dados empíricos a dissertação de mestrado da autoria de Sónia Belchior da Silva, orientada pela autora principal do texto. À Sónia deixo uma palavra de apreço e gratidão pelo trabalho desenvolvido na recolha dos dados no terreno.

² Professora do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

Abstract

Information literacy and media literacy are recent constructs. Those who belong to the information society need to be educated, to learn to work with technology, to decode and analyze the multimedia information conveyed to them through various media sources (books, television, internet, newspapers ...) and also to produce information, some of it multimedia.

In this chapter, after a brief review of the literature on information and media literacy, we report the results of an exploratory study with adolescents from the 9th grade of two schools that joined the project "Media Education in the District of Castelo Branco."

The data collection instruments used were a questionnaire and focus-group interviews.

The main results indicate that most young people tend to use mobile phones and the Internet to communicate, to relate to each other and to find information, and that the subjects that interest them most are music, technology and sports; they also find the information broadcast on television more credible than that found on the Internet or in newspapers.

Key-words: Informational Literacy, Information Society, Media Education.

A Relação dos Jovens com os *Media*

Vivemos cercados de informação. O problema das novas gerações não é, como o foi na minha juventude, a falta de jornais, de livros e outras fontes de informação. Nessa época, não muito longínqua (anos 60 e 70 do séc. XX), alguns de nós esforçavam-se para ler e discutir as ideias expressas em livros e notícias proibidos ou de difícil acesso. Ler certos livros e ouvir determinadas músicas eram actividades quase subversivas. Hoje o problema é inverso. Num quase *tsunami* de informação diária, veiculada por vários meios de comunicação de massa (televisão, redes sociais, jornais, rádio...), muitos jovens têm dificuldade em distinguir o essencial do acessório, o irrelevante do relevante e mais preocupante ainda em criar categorias e hierarquizar a informação, atribuindo valores diferenciados a coisas que não são semelhantes. Por exemplo, existem estudantes universitários que colocam ao mesmo nível os criadores das teorias dos seus divulgadores e põem em pé de igualdade autores secundários e especialistas. Parece que o direito a ter opinião e exprimi-la significa não diferenciar a qualidade e autoridade das diferentes posições expressas. Os criadores talentosos e especialistas de um dado domínio de conhecimento (cf. Ericsson, Charness, Feltovich, & Hoffman, 2006; Glaser, 2000; entre outros) são colocados muitas vezes, pelas novas gerações, em pé de igualdade com os restantes membros da sociedade que emitem opiniões e que pululam nos meios de comunicação de massa, sobretudo nas redes sociais online.

O mundo parece estar a tornar-se plano (Friedman, 2010/2005)³, com todos os

³ For Friedman, cheap, ubiquitous telecommunications have finally obliterated all impediments to international competition, and the dawning 'flat world' is a jungle pitting 'lions' and 'gazelles,' where 'economic stability is not going to be a feature' and 'the weak will fall farther behind (Publishers Weekly, 2011)

aspectos positivos e negativos que daí decorrem, sobretudo para as sociedades que entraram mais rapidamente nos processos de massificação (cf. Ortega y Gasset, 2000; Lima, 2005) e globalização. A informação circula diariamente a uma velocidade vertiginosa nos principais *mass media*, de forma muitas vezes superficial, saltando de registo rapidamente, como os electrões entre as várias órbitas, gerando a sensação que estamos sempre desactualizados. Este é um problema das actuais sociedades da informação, sobretudo para os cidadãos menos instruídos. As “elites intelectuais” sabem como e quando usar este tipo de informação e quando necessário como a produzir, mas sabem também que existem outras fontes que obedecem a ritmos mais pousados, exigem o silêncio e o trabalho solitário. Estou a referir-me sobretudo à leitura das fontes e das obras de referência.

A educação para os *media* e para a literacia da informação está a tornar-se uma preocupação das actuais sociedades. Existem cada vez mais publicações neste âmbito, *standards* que discriminam níveis diferenciados de literacia da informação (cf. Council of Australian University Librarians, 2001; UNESCO, 2008; entre outros), revistas, onde destaco o *Journal of Informational Literacy*, e pressões cada vez maiores para serem incluídas nos currículos formais de vários países, entre eles os pertencentes à União Europeia, uma disciplina de educação para os media ou de educação para a literacia da informação. Os conceitos de “educação para os media” e de “educação para a literacia da informação”, não são coincidentes. Do mesmo modo os seus efeitos, designados por “literacia dos media” e “literacia da informação” também não o são. Contudo neste capítulo irei usar preferencialmente o termo de “educação para os media” e os seus efeitos como “literacia da informação”.

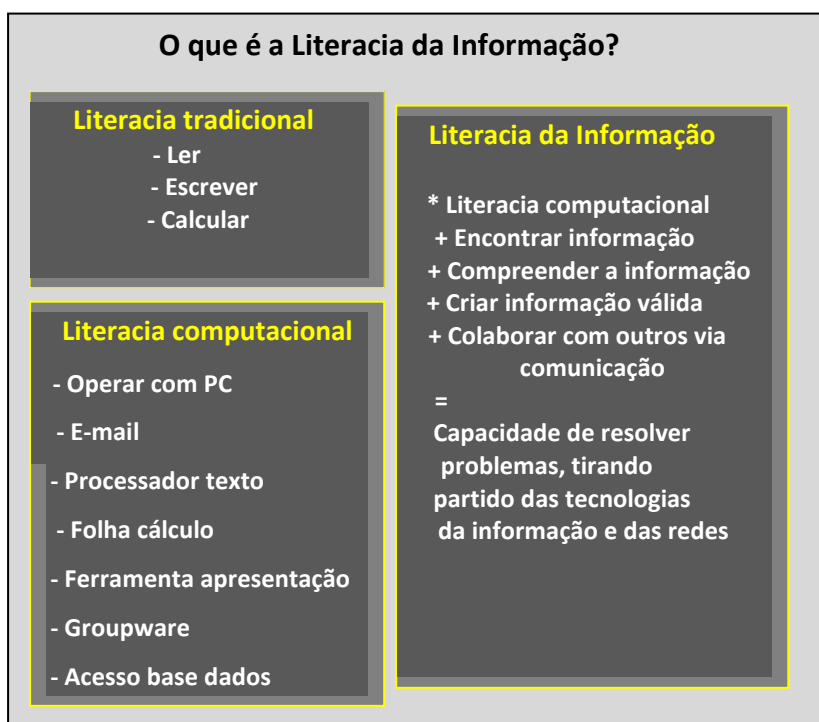
Esta última engloba a compreensão e um conjunto de competências que permite aos indivíduos “reconhecer quando a informação é necessária e ter a capacidade de a localizar, avaliar e utilizar eficazmente” (American Library Association, 1989). Este conceito, de origem recente, começou a surgir na literatura em 1974 (Doyle, 1992). Uma pessoa com uma boa literacia da informação, segundo o Council of Australian University Librarians (2001), é capaz de:

- Reconhecer que precisa de estar informado
- Determinar a extensão da informação que necessita
- Procurar e aceder de forma eficiente à informação que precisa
- Avaliar as informações e suas fontes
- Incorporar a informação seleccionada no conhecimento prévio
- Utilizar as informações de forma eficaz para alcançar um objectivo
- Compreender as questões económicas, legais, sociais e culturais envolvidas na utilização da informação
- Avaliar e usar a informação de modo ético e legal
- Classificar, armazenar, manipular e reformular as informações recolhidas ou gerar nova informação
- Reconhecer a literacia da informação como pré-requisito para a aprendizagem ao longo da vida (p. 1).

Pelo que acabei de referir o conceito de literacia de informação é mais abrangente que os de alfabetização e de literacia computacional. Por exemplo, Nishimuro (1999) refere que aquele conceito incluiu os outros dois (ver Figura 1). Este autor sugere ainda que a educação para a literacia da informação se deve tornar obrigatória, propondo uma

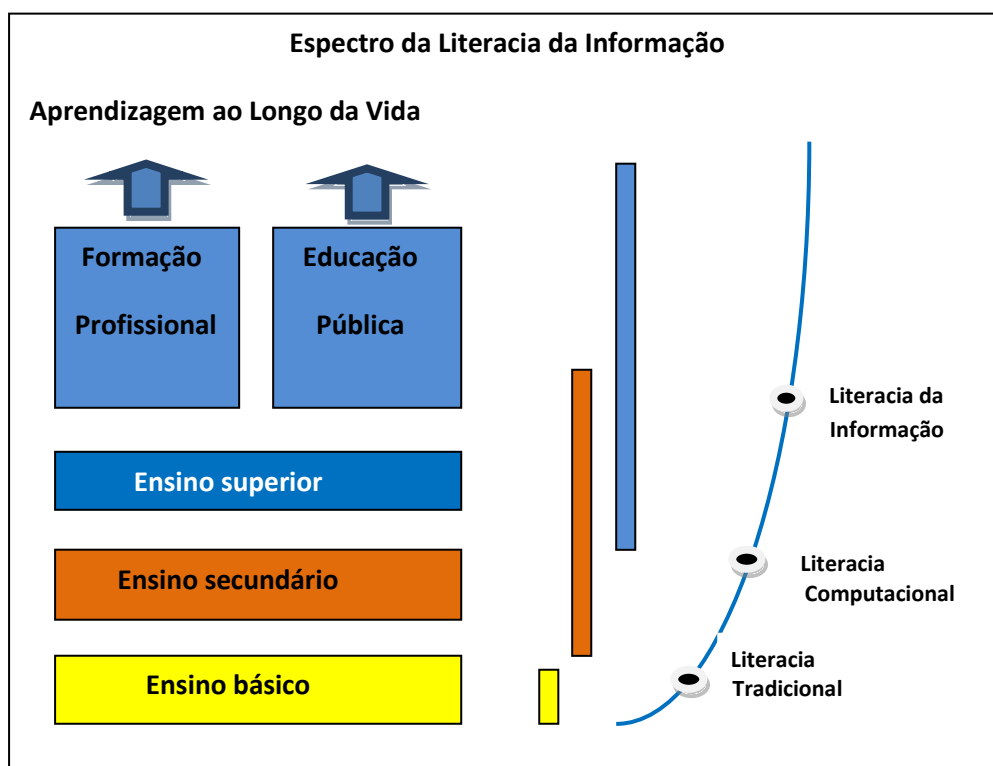
hierarquia formativa no que respeita ao alcançar deste objectivo, conforme ilustrado na Figura 2.

Figura 1. O que é a literacia da informação (adaptado de Nishimuro, 1999)



Segundo este autor a educação para a literacia da informação deve começar ao mesmo tempo que a da literacia computacional, concedendo a devida atenção a esta última. Chama ainda a atenção para que os objectivos da Formação Profissional e da Educação Pública em relação a este aspecto podem não ser coincidentes e variarem de país para país alertando, contudo, para a necessidade dos cidadãos adquirirem competências a este nível, pois só assim estarão habilitados a responder aos desafios do actual mercado de trabalho.

Figura 2. Espectro da Literacia da Educação (adaptado de Nishimuro, 1999)



A educação para os media pode ser definida como um meio de apoio ao desenvolvimento de competências no domínio da literacia da informação, conforme descrita anteriormente.

Se reconhecermos esta necessidade das actuais sociedades da informação, o que deve um jovem que termina o ensino básico obrigatório saber neste domínio, sem secundarizar outras áreas de conhecimento igualmente importantes? O dia só tem 24 horas e a escola não pode ocupar em excesso o tempo das crianças e jovens. Os

currículos já estão sobrecarregados de disciplinas e actividades. Não sou a favor da escola a tempo inteiro.

Sem ser elitista, penso que na base da pirâmide, e usando a metáfora de Abraham Maslow (2011/1943, 1999/1968) sobre as necessidades que governam as motivações humanas, continuam a estar as competências que designo por instrumentais, entre elas: Saber falar, ler e escrever correctamente na sua língua materna e aprender pelo menos uma segunda língua (de preferência o inglês, pois é a língua franca da ciência); Saber pensar de forma lógica e abstracta; Saber usar o cálculo mental e as principais operações aritméticas. Como vêm alargo um pouco o espectro da literacia tradicional proposto por Nishimuro (1999).

Num nível acima ter adquirido alguns conhecimentos associados às várias disciplinas, entre elas: a literatura, a matemática, a geografia, a história, a biologia e a física.

Num degrau ligeiramente superior, o jovem deveria ter desenvolvido a sensibilidade estética através da aprendizagem de disciplinas artísticas, entre elas a música e formas de expressão plástica e corporal.

Por fim, penso que seria útil saber usar alguns meios de comunicação e diferentes tecnologias de forma eficaz; ter acesso e saber fazer escolhas informadas acerca de vários meios de comunicação; perceber como e através de que meios os conteúdos são produzidos; saber usar alguns desses meios tecnológicos de comunicação e produção de informação. De igual modo, pois penso que estas são competências transversais, seria bom que tivesse desenvolvido um sentido de bem-estar corporal e psicológico (saber cuidar do corpo e do espírito).

Ser alfabetizado e estar bem informado é hoje em dia muito mais exigente que no início e meados do século XX. Daí a necessidade de uma educação para os media, seja ela de natureza formal ou não-formal. O projecto “educação para os media no distrito de Castelo Branco” visou precisamente alcançar este objectivo através do envolvimento de professores e alunos na produção de jornais escolares, em suporte de papel e digital. Tratando-se de um projecto de investigação social em grande escala, pois envolveu várias escolas básicas e secundárias, no início foi necessário conhecer algumas das facetas da realidade em estudo, para depois avaliar os efeitos do projecto ao fim de três anos de intervenção. Além deste objectivo avaliativo, a equipa sabia que é difícil mudar conscientemente uma realidade que se desconhece, já conhecer a realidade é uma condição necessária para nela intervir.

O que vamos relatar é um desses estudos iniciais que permitiu conhecer melhor a relação dos jovens com os diferentes media. Inquiriu uma amostra de jovens do ensino básico, de duas escolas integradas no Projecto.

Metodologia

Participantes

Participaram no estudo quantitativo 145 jovens, com idades compreendidas entre os 13 e os 18 anos (tendo apenas dois 13 e um 18), pertencendo a maioria à faixa etária dos 14-15 (121 sujeitos). Frequentavam o 9º ano de escolaridade, de duas escolas integradas no Projecto, uma situada numa zona rural, de classe média-baixa e baixa (Escola A) e a outra numa zona urbana de habitação da classe média (Escola B). Quarenta e seis por cento dos alunos da Escola A pertenciam ao sexo masculino e 54% ao feminino; na escola B a distribuição por género era idêntica: 52 % pertenciam ao sexo masculino e 48% ao feminino.

Grande parte dos pais dos alunos da escola A (40%) e das mães (33%) têm o 9º ano; 18% das mães e apenas 8% dos pais têm o ensino superior; existe uma mãe que não sabe ler e escrever. Pelo contrário, uma parte importante dos pais e mães dos alunos da Escola B têm o ensino superior (38%), seguindo-se o 12º ano (26% dos pais e 32% das mães); não existem pais analfabetos.

No estudo qualitativo participaram 11 jovens do 9º ano, sendo seis da escola A e cinco da B. Tentou-se constituir uma amostra intencional, que fosse representativa dos jovens dessas duas escolas a nível etário, do género e do estatuto socioeconómico da família.

Características do Estudo

Tratou-se de um estudo exploratório e descritivo (Almeida e Freire, 2000), que foi orientado pelas seguintes questões:

- Que relações mantêm os jovens do início do Séc. XXI com os diferentes media?
- Que uso lhes dão e que utilidade lhes atribuem?
- Quais os media com que mais se identificam e que mais usam?
- Será que existem diferenças entre os jovens de níveis socioeconómicos diferentes no acesso e na relação com os media?

Instrumentos e Procedimentos de Recolha e de Análise de Dados

Usámos como instrumentos de recolha de dados a entrevista *focus-group* e o questionário. A entrevista foi aplicada a dois grupos de alunos, um da Escola A (com 6 elementos) e outro da Escola B (com 5). O questionário foi aplicado a 149 alunos do 9º ano das duas escolas (a quase totalidade dos estudantes deste grau de ensino), mas só

145 foram considerados válidos, sendo 72 da Escola A e 73 da Escola B. Foi construído sobretudo com base na revisão da literatura e na análise de conteúdo das entrevistas realizadas. Ambos os instrumentos foram pré-testados numa pequena amostra de sujeitos do mesmo grau de escolaridade não coincidentes com a amostra em estudo.

As entrevistas foram marcadas com antecedência, realizadas num local apropriado no território de cada escola, áudio gravadas, transcritas e sujeitas a análise de conteúdo (cf. Bardin, 1979; Vala, 1986). O questionário foi aplicado em sessões colectivas em cada escola. Os dados, quer das entrevistas, quer dos questionários, foram recolhidos em meados de 2009.

As duas entrevistas foram conduzidas, como já referimos, segundo a técnica focus-group (cf. Galego e Gomes, 2005; Morgan, 1997; Robinson, 1999), por dois entrevistadores, tendo um papel mais activo de introdução dos temas e questões e de dinamização da comunicação no grupo, e o outro de observação e registo. O Guião da Entrevista incluiu os seguintes temas: (i) Legitimação da entrevista; (ii) Relação dos jovens com os media; (iii) Como e onde procuram a informação; (iv) Que afinidade têm com as notícias; (v) Que relação estabelecem com o jornal escolar; (vi) Que adesão e conhecimento demonstram os jovens face ao programa e escolas.

A construção do questionário final partiu: a) de uma 1ª versão, que integrava 22 questões agrupadas em quatro categorias, construída com base na análise de conteúdo das entrevistas realizadas; b) de um outro questionário elaborado no início do projecto e aplicado a uma amostra maior de alunos.

A versão final aplicada aos 145 jovens da nossa amostra consistiu na aglutinação e transformação destas duas versões. Ficou com 68 questões ou itens agrupados em 4

dimensões, com escalas de resposta de tipo dicotômico e de tipo Likert (cf. Hill e Hill, 2002; Moreira, 2005).

Apresentação e Discussão dos Resultados

Das Entrevistas Focus-Group

Reportamos os principais resultados das entrevistas tendo em conta as opiniões dos entrevistados em cada escola, ou considerando as duas escolas.

Quais os meios mais utilizados pelos jovens para pesquisarem informação e se relacionarem?

Na Escola A (meio mais desfavorecido, 6 entrevistados), o meio preferido de todos os alunos para pesquisar e consultar informação é Internet; é-o ainda para conviver e ter relacionamentos sociais; usam sobretudo as redes sociais Hi5 e Myspace e o MSN para comunicar de modo síncrono; três têm um blogue onde escrevem sobre eles e assuntos da escola e das disciplinas (o início da produção do blogue foi motivado pelo pedido de uma professora)

Na Escola B (meio mais favorecido, 5 alunos), os meios preferidos para pesquisar e consultar informação são a Internet e a televisão; duas alunas referem também a rádio; a Internet é-o ainda para conviver e ter relacionamentos sociais; usam sobretudo as redes sociais Hi5 e Myspace (exceptuando um aluno que refere não utilizar estas redes sociais) e o MSN para comunicar de modo síncrono; nenhum tem blogue, alegando que não têm paciência para escrever.

Em ambas as escolas, o meio preferido para comunicar e pesquisar informação é a Internet, usando-a todos os dias, sobretudo as redes sociais Hi5 e Myspace e ainda o MSN, para conversar com os amigos; não são adeptos de fóruns e chats e dizem preocupar-se com a segurança na Internet, debatendo este assunto com os pais.

Que informação é preferida pelos jovens?

A maioria dos alunos das duas escolas, sobretudo da Escola A, gostaria de ter notícias mais dirigidas aos seus interesses e com uma linguagem acessível; acham a maioria das notícias dos jornais pouco acessível; uma aluna da Escola A, diz mesmo que não sente falta de notícias porque não gosta de ler jornais; na Escola B os alunos dizem discutir algumas notícias com os pais e os amigos e sentem mais necessidade de “notícias com as coisas mais bem explicadas (...)”; as notícias de que mais se lembravam foram o atentado de 11 Setembro, seguindo-se o Cristiano Ronaldo ter sido considerado o melhor jogador do mundo e o “caso Maddie McCann”.

Que relação mantêm os entrevistados com o jornal escolar?

Os seis alunos entrevistados da Escola A sabem que existe jornal escolar mas nenhum participa, a não ser que os professores lhes peçam; acham que não podem escrever o que querem e não há espaço para todos participarem; recebem o jornal escolar em casa (não precisam de o comprar) e só um deles o lê.

Os cinco alunos da Escola B também sabem que existe jornal escolar em versão de papel e online e todos participaram nele durante o 2º ciclo; actualmente ignoram-no pois acham-o desajustado aos interesses dos jovens do 3º ciclo.

Que relação têm com o programa e escolas?

Os seis entrevistados da escola A conhecem o programa e quatro aderiram ao mesmo, embora já tivessem pelo menos um computador em casa; usam o do e.escolas para fazer trabalhos escolares e conversar com os amigos.

Na escola B, dos cinco alunos entrevistados só um aderiu ao programa, embora todos o conhecessem.

Dos Questionários

Que media dizem usar os alunos?

Na Escola A, onde foram inquiridos 72 alunos, 96% dizem usar o telemóvel diariamente, seguindo-se o visionamento de programas na Televisão (87%) e o uso da Internet (71%); oitenta e cinco por cento refere que ouve música todos os dias. Dezanove por cento nunca lê jornais e 10% nunca ouve rádio; 53% diz ler jornais só ao fim-de-semana e 35% só ouve rádio também ao fim-de-semana.

Na Escola B, com 73 alunos que responderam ao questionário, 88% diz usar o telemóvel diariamente, seguido da TV (84%) e da Internet (78%); setenta e oito por cento dizem ouvir música todos os dias. Quarenta e dois por cento dizem nunca lerem jornais e 23% dizem ler jornais só ao fim-de-semana; vinte e seis por cento só ouve rádio ao fim-de-semana

Em síntese: Os media mais usados por estes jovens são o Telemóvel, a Televisão e a Internet.

Onde dizem os alunos que procuram a informação?

Na Escola A, 67% dizem que em primeiro lugar na Internet, seguindo-se as revistas (58%) e os jornais (53%).

Na Escola B, 78% responderam que em primeiro lugar na Internet, seguindo-se a televisão (44%), depois as revistas (48%) e jornais (47%), nestes dois últimos casos só “algumas vezes”.

Em síntese: Os alunos procuram informação principalmente na Internet

O que interessa mais e menos os jovens?

Na Escola A a Música é o assunto que mais interessa a 64% dos jovens inquiridos, seguindo-se as Tecnologias (52%) e o Desporto (46%). A Política é o assunto que menos interessa a 52% dos inquiridos seguindo-se o horóscopo (35%).

Na Escola B, onde foram inquiridos 73 alunos, a Música é o assunto que mais interessa a 78% dos jovens, seguindo-se as Tecnologias (60%) e o Desporto (52%), próximo dos gostos dos jovens da Escola A. O Horóscopo é o assunto que menos interesse desperta a 43%, seguido da Política (34%).

Em síntese: Os temas que mais interesse despertam nesta amostra de jovens inquiridos são a Música, seguindo-se as Tecnologias e o Desporto

A que meio de informação atribuem mais Credibilidade?

Na Escola A os alunos dizem depositar mais confiança na informação transmitida via Televisão (56%), seguida da Internet (50%), dos Jornais (43%) e da Rádio (40%); onde têm menos confiança é na informação veiculada pelas Revistas

Na Escola B a informação considerada mais credível continua a ser a transmitida pela Televisão para 41% dos alunos, seguida da Rádio (30%) e da Internet (27%); a

informação dos jornais é considerada credível por 25% dos jovens e a informação a que dão menos credibilidade é a transmitida pelas Revistas.

Em síntese: a maioria dos jovens diz achar mais credível a informação transmitida pela Televisão, seguida da Internet e dos Jornais; a informação considerada menos credível é a das Revistas

Os jovens lêem Jornais e Revistas?

Quer os alunos da Escola A, quer da Escola B parecem não gostar muito destes meios de informação, pois há poucas respostas de “sempre” e “muitas vezes” e as respostas de “algumas vezes”, situam-se entre os 53% a favor da leitura de jornais em papel na Escola A e os 36% na Escola B, seguindo-se os jornais online com 31% na Escola A e 48% na Escola B. A leitura de revistas é ainda menos referida pelos inquiridos

Em síntese: A leitura de jornais e revistas, quer em formato de papel quer digital não é uma actividade que os jovens inquiridos façam com frequência. Não são os meios privilegiados de procura de informação.

Lêem e participam no Jornal Escolar?

Grande parte dos alunos inquiridos nas duas escolas dizem ler o jornal escolar em papel (75% na Escola A e 70% na B) e uma pequena percentagem online (19% na Escola A e 18% na escola B), embora alguns referiram que as escolas não publicam o jornal com regularidade.

Um pouco mais de metade dos alunos das duas escolas diz ter participado no jornal escolar (56% da Escola A e 59% da B). A participação dos alunos da escola A fez-se sobretudo através de fotografias (35%) e textos (32%), havendo apenas 4% que

viram as suas ideias aprovadas para a escrita de artigos. Na Escola B os alunos participam sobretudo através de textos escritos (67%), havendo uma menor participação ao nível da fotografia (11%). Embora não muito elevada, a aceitação das ideias dos alunos para novos artigos (7%) é maior do que na Escola A.

Segundo os alunos o jornal escolar, de ambas as escolas, serve para informar a comunidade envolvente sobre o que aconteceu durante cada período escolar.

Para que usam os alunos a Internet?

A maioria dos alunos de ambas as escolas usa diariamente a Internet (86% da Escola A e 92% da B). Na escola A sobretudo para fazer os trabalhos escolares (96%), falar com os amigos (94%) e jogar (73%), usando pouco este meio para publicar informação (1%). Na Escola B para falar com os amigos (83%), para fazer os trabalhos escolares (78%), para jogar (78%) e ver filmes e séries (64%); nunca usam a Internet para publicar informação.

As redes sociais são também muito utilizados pelos alunos de ambas as escolas, sobretudo o Messenger (94% dos alunos da Escola A e 96% da B) e o Hi5 (81% da Escola A e 70% da B).

Ter um blogue é uma actividade praticado por 54% dos alunos da Escola A e apenas 10% da B. Os motivos referidos prendem-se, no dizer dos alunos, com o trabalho desenvolvido em disciplinas dos professores da Escola A, embora alguns jovens publiquem um blogue por motivos pessoais. Na escola B só há blogues publicados por interesse dos próprios alunos.

A maioria dos alunos conhece o programa e.escolas (96% na Escola A e 74% na B), havendo uma percentagem menor que a ele aderiram (57% na Escola A e 37% na B)

Conclusão

Os resultados deste estudo exploratório indicam que os meios de informação e comunicação mais usados pela maioria dos jovens no seu dia-a-dia são o telemóvel, seguido da televisão e da Internet. Esta é o meio preferido para procurar informação e comunicar com os amigos, sobretudo através das redes sociais. Usam também bastante este meio para fazer os trabalhos escolares, jogar e ver filmes e séries. Os assuntos que mais lhes interessam nas suas pesquisas e leituras são a música, seguido de informação sobre tecnologias e o desporto. Os artigos sobre política não parecem despertar muito interesse à maioria destes jovens. Consideram que a informação transmitida pela televisão é a mais credível, seguida da Internet e dos jornais. A informação veiculada pelas revistas é considerada como tendo menos credibilidade. Contudo, a leitura de jornais e revistas, sejam em formato de papel ou online, não é a actividade preferida da maioria destes alunos, embora quando o fazem prefiram o suporte em papel. Não registamos diferenças assinaláveis no modo como os jovens oriundos de meios socioeconómicos diferentes se relacionam com os diversos media, a não ser num acesso mais frequente à Internet dos alunos provenientes de meios favorecidos. Estes e suas famílias também não precisam tanto de tirar partido das facilidades que os programas estatais oferecem, por exemplo a aquisição de um portátil através do programa e.escolas. Registámos também uma tendência dos jovens dos meios favorecidos em terem mais possibilidades de conversar sobre as notícias que lêem e ouvem com os familiares.

Tendo o projecto “Educação para os media no distrito de Castelo Branco”, entre outros objectivos, (i) permitir a alunos e professores um melhor conhecimento das diferentes etapas de produção de jornais em formato papel e on-line e (ii) contribuir para fomentar a leitura de jornais, talvez os alunos que participaram neste estudo tenham

beneficiado do mesmo. Esperamos que tenham adquirido um maior gosto em ler jornais em papel e online e diversificado os seus gostos no que se refere aos assuntos sobre os quais procuram informação. Educar é também diversificar e gerar novos interesses e motivações e não só responder aos motivos e gostos iniciais dos alunos que, muitas vezes, o são por falta de conhecimento de outros mundos reais e ficcionais. Ao diversificar as fontes e os assuntos sobre os quais procurar informação, estarão a melhorar as suas competências em literacia da informação. Se participarem na feitura dos jornais escolares, usando várias linguagens e tecnologias e comunicando sobre assuntos diversos, entre eles os que mais os apaixonam, com certeza que novos horizontes se abrirão para estes jovens. Este é o nosso sincero desejo.

Referências

- Almeida, L. S. e Freire, T. (2000). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. Braga: Psiquilíbrios
- American Library Association (1989). *Presidential committee on information literacy. Final report*. Chicago. Retirado em 7 Outubro de 2010 de www.ala.org/acrl/nili/ilit1st.html
- Bardin, L. (1979). *A análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Council of Australian University Librarians (2001). *Information Literacy Standards* (1st ed.). Canberra. Retirado em 12 Novembro de 2010 de <http://www.caul.edu.au>
- Doyle, C. (1992). *Final report for the international forum in informational literacy. Summary of findings: Outcome measures for information literacy within the national educational goals of 1990*. ERIC Papers: ERIC Documents Reproduction Service.

- Ericsson, K. A., Charness, N., Feltovich, P. J., & Hoffman, R. R. (Ed.) (2006). *The Cambridge handbook of expertise and expert performance*. Cambridge: The Cambridge University Press
- Fridman, T. L. (2010). *O mundo é plano. Uma história breve do século XXI* (10ª ed.). (C. Pedro, Trad.) Lisboa: Actual Editora (Obra original publicada em 2005).
- Galego, C. e Gomes, A. (2005). Emancipação, ruptura e inovação: O “focus-group” como instrumento de investigação. *Revista Lusófona de Educação*, 5, 173-184.
Retirado em 4 Agosto de 2009 de
<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rle/n5/n5a10.pdf>
- Glaser, R. (Ed.) (2000). *Advances in instructional psychology: Educational design and cognitive science, Volume 5*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum and Associates.
- Hill, M. e Hill, A. (2000). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo
- Lima, L. C. (Org.) (1969/2005). *Teoria da cultura de massa* (7ª ed. rev.). S. Paulo: Editora Paz e Terra.
- Maslow, A. H. (1999/1968). *Toward a psychology of being* (3th ed.). New York. John Wiley & Sons, Inc.
- Maslow, A. H. (2011/1943). A theory of human motivation. *Psychological Review*, 50, 370-366. Retirado em 28 de Janeiro de 2011 de
<http://psychclassics.yorku.ca/Maslow/motivation.htm> [Classics in the History of Psychology: An internet resource developed by Christopher D. Green, York University, Toronto, Ontario, ISSN 1492-3713, posted in August 2000]
- Moreira, J. M. (2004). *Questionários: teoria e prática*. Coimbra: Almedina
- Morgan, d. L. (1997). *Focus group as qualitative research* (2nd ed. Vol 16). London: Sage University Paper
- Nishimuro, T.(1999). Information literacy: How does it differ from traditional or computer literacy? *TechKnowLogia*, September/October, 13-14
- Ortega y Gasset, J. (2000). *A rebelião das massas*. Lisboa Relógio d’Água Editores

Publishers Weekly, retirado em 26 Janeiro de 2011, de

<http://translate.google.pt/translate?hl=pt-PT&sl=en&u=http://www.thomaslfriedman.com/bookshelf/the-world-is-flat&ei=vGJATcOzFYifOtjN8MsI&sa=X&oi=translate&ct=result&resnum=3&ved=0CEAQ7gEwAg&prev=/search%3Fq%3DFlat%2BBook%26hl%3Dpt-PT%26sa%3DG%26biw%3D1276%26bih%3D819%26prmd%3Dvns>

Robinson, N. (1999). The use of focus group methodology – with selected examples from sexual health research. *Journal of Advanced Nursing*, 29(4), 905-913

Silva, S. B. (2009). A relação dos jovens com os media. Manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

UNESCO (2008). *Towards literacy information indicators: Conceptual framework paper prepared by Ralph Catts & Jesus Lau*. Paris: Unesco

Vala, J. (1986). Análise de conteúdo. In A. S. Silva e J. M. Pinto. *Metodologia das ciências sociais* (pp. 101-128). Porto: Edições Afrontamento